

REGINA ZILBERMAN
Professora no Curso de Pós
Graduação em Linguística e
Letras na Pontifícia Uni-
versidade Católica do Rio
Grande do Sul.

Uma reflexão sobre a natureza da literatura infantil não pode vir separada de uma consideração sobre o estatuto de sua teoria. A configuração desta última em termos de livros científicos data de época recente, mas, se se tomar em consideração sobretudo o modo como o texto infantil é recebido no lar e nas escolas, isto é, uma certa prática, podemos estabelecer seus principais critérios. Nesta medida, valendo-nos tanto da bibliografia existente, como da utilização social das criações literárias para crianças, verifica-se que a concepção que cerca a literatura infantil é, na expressão de Maria Lypp (1977), "adulto-cêntrica". Em outras palavras, embora seja consumida por crianças, a reflexão sobre o produto oferecido a elas provém do adulto, que a analisa, em primeiro lugar, de acordo com seus interesses e que, além disto, a descreve em comparação com o tipo de arte posta à disposição dele, qual seja, a literatura propriamente dita, sem adjetivos.

Conseqüentemente, embora o produtor do livro infantil seja o próprio adulto, o objeto produzido é visto, analisado e classificado em analogia ao seu conumidor, o leitor mirim. Conforme Maria Lypp, temos que "a menoridade do recebedor é transferida ao produto literário." (Lypp, 1977:8) Transformado num gênero menor, ele absorve ainda o caráter provisório da própria infância, tornando-

se uma espécie de "ainda não literatura". (Lypp, 1977:8)

A natureza ideológica desta tomada de posição evidencia-se de imediato, pois privilegia uma modalidade de literatura em detrimento da criação para crianças, mimetizando a primazia atribuída à idade adulta em comparação com o período infantil. Por outro lado, se a literatura correspondente a esta faixa etária tem sua importância estética diminuída, é-lhe atribuída uma função social que a torna imprescindível e que inclusive decretou seu nascimento: cabe-lhe um papel preparatório, isto é, tem uma missão formadora que pode ser examinada em dois sentidos.

a) incute na criança certos valores, sejam eles de natureza social ou ética (ou ainda, ambas), não cabendo neste momento questionar se estes valores são convenientes à sociedade (ou seja, conformativos) ou ao desenvolvimento intelectual e psíquico da criança (ou seja, se eles propiciam a emergência de uma visão de mundo autônoma e inquiridora);

b) propicia a adoção de hábitos, que podem ser de dois tipos:

- de consumo, incluindo-se aqui o consumo da própria literatura, ao estimular a leitura permanente e o costume da aquisição de livros;

- a adoção de comportamentos socialmente preferidos, sendo que igualmente neste caso estes modelos atuacionais correspondem a uma gama variada de possibilidades, que se estendem desde a aquisição de boas maneiras até o estímulo a uma atividade de questionamento das bases da organização da sociedade.

Em todos estes casos, o que se constata é que é atribuída uma tarefa educativa à literatura infantil, complementar à atividade pedagógica exercida no lar e/ou na escola, o que garante sua necessidade e importância.

cia no seio da vida social. Por esta mesma razão, o não preenchimento de algumas destas funções ou de todas elas - seja porque a criança não lê, preferindo brincar, ver televisão, etc., seja porque certos textos são considerados deseducadores - pode desencadear a polêmica e a busca de uma correção de rumos, visando à reintrodução do hábito da leitura, pesquisando-se novas linguagens, etc. De qualquer modo, nesta segunda acepção da literatura infantil, salienta-se a contrapartida da concepção anteriormente fixada: apesar de ter caráter provisório e ser um tipo de produção menor, espelhando a condição de seu leitor e beneficiário, o texto para crianças pode atuar sobre ela, refletindo neste caso a perspectiva do adulto, mesmo quando este tem em mente o interesse (atual e/ou futuro) do receptor. Neste sentido, sendo "adultocêntrica", a teoria da literatura infantil evidencia a contradição que esta condição lhe transmite: visando a manter os privilégios do adulto, a produção para crianças tem seu valor diminuído; porém, por esta mesma razão, tudo o que se espera dela é o que o adulto ali deposita, isto é, seus valores e hábitos sociais. Nesta medida, ela manifesta antes de tudo os interesses dos mais velhos, e não os do universo infantil, de modo que, se há alguma analogia a estabelecer, está entre o gênero literário e a organização da sociedade como um todo, conforme os maiores a concebem.

Por tudo isto, a produção de uma teoria da literatura infantil deve cair fora deste contexto, dentro do qual a primazia é concedida pelo e para o adulto, que é o sujeito da produção, do consumo (uma vez que são principalmente os pais que compram os livros, os professores que recomendam as leituras, etc.) e da recepção de seus próprios textos. Ou melhor, cabe o exercício de uma reflexão que verifique os efeitos desta participação e mostre a posição ocupada pela criança dentro deste processo particular de circulação de ideologias, uma vez que é ela que dá o nome ao gênero de que é apenas o beneficiário e o

objeto de manipulação.

Recebendo tal designação a partir de seu destinatário, a literatura infantil debate-se de imediato com duas dificuldades: a primeira delas diz respeito à transitoriedade do leitor. Abrangendo tudo o que é produzido para pessoas de até mais ou menos 12 anos, a literatura infantil deve ir se modificando à medida que evolui a criança, até perdê-la definitivamente, fenômeno paralelamente vivenciado pelo próprio leitor, que vai paulatinamente se afastando do produto a ele oferecido. Esta índole passageira do gênero determina sua temporalidade, o que se relaciona, de um lado, com a condição de seu receptor e, de outro, com a própria natureza histórica da faixa etária a que se destina, uma vez que a compreensão da infância como um período existencial diferenciado e passível de uma abordagem peculiar através da pedagogia provém, segundo Dieter Richter (1977) e Gerhard Haas (1976), de época recente (mais precisamente, da Idade Moderna). Esta temporalidade particulariza-se do seguinte modo:

a) a literatura infantil apresenta um tipo de evolução histórica determinada pelas modificações que sofreram as concepções respectivamente da infância e do tratamento (pedagógico) desta fase da existência;

b) outro tipo de modificação decorre das transformações vividas pela literatura e que repercutem nas obras infantis, em termos de novas técnicas, temas e meios materiais originais de transmissão artística;

c) o que lhe é mais particular diz respeito à evolução interna que o gênero sofre, na medida em que deve acompanhar as mutações etárias por que passa seu receptor.

Devido a tais fatores, a condição passa-

geira do leitor é absorvida pela literatura infantil, que se torna instável, necessita adequar-se aos interesses diferenciados de produção e recepção que a cercam e, ainda, deve estar conforme com as mudanças da arte literária como um todo.

A segunda dificuldade decorre de sua unidirecionalidade, uma vez que é produzida apenas do adulto para a criança, e não o contrário. Devido a isto, Maria Lypp (1977) assinala que há uma assimetria entre o emissor e o receptor na origem desta modalidade de obras, o que somente pode ser superado pela introdução do conceito de adaptação. Nesta medida, como estabelece Göte Klinberg (1973), a adaptação não diz respeito unicamente aos textos clássicos que foram re-elaborados para as crianças, mas pertence de modo inerente à índole das criações a elas destinadas. Por sua vez, este fator unidirecional é o que determina no gênero a preocupação com a transmissão de normas, que tanto podem ser de tipo social, como as anteriormente descritas, quanto estéticas. Portanto, é neste momento da leitura que se assiste à gênese do "horizonte de expectativas" (Erwartungshorizont) do leitor, de modo que se explica a dupla inquietação que assola os educadores que lidam com arte literária para crianças: de um lado, com a formação de hábitos de leitura; de outro, com o consumo de textos de reconhecido valor estético, esperando construir, por estes meios, um dique de proteção contra as histórias em quadrinhos ou outros produtos da indústria cultural.

Enfim, este caráter unidirecional reproduz, no plano etário, um conflito de tipo social: a oposição adulto X criança corresponde aos modelos opressor X oprimido e produtor X consumidor, sendo que cabe à criança o papel passivo, situação que somente abandona na adolescência, isto é, quando não mais absorve literatura infantil. Este fato dá a tal dicotomia um caráter de certo modo

estático e, por esta mesma razão, contínuo. É a necessidade de adaptação que pode levar o adulto a superar esta posição de superioridade, porém igualmente esta é uma decisão unilateral, do que resulta, outra vez, os dois aspectos ressaltados anteriormente:

a) a literatura infantil orbita na esfera do adulto, sendo, antes de mais nada, se encarada do ângulo da produção, um problema dele, e não da criança;

b) esta, a rigor, a principal interessada, localiza-se fora de tal processo decisório, o que reforça a situação pouco atuante que previamente ocupa em outros setores da vida social (família, escola, etc.).

É deste fato que advém a questão mais problemática envolvendo a modalidade literária aqui discutida: é que, provindo de uma tomada de decisão da qual a criança não participa, mas cujos efeitos percebe, a literatura infantil pode ser considerada uma espécie de traição, uma vez que lida com as emoções e o prazer dos leitores, para dirigi-los a uma realidade que, por melhor e mais adequada que seja, eles em princípio não escolheram. Nesta medida, a literatura infantil somente poderá alcançar sua verdadeira dimensão artística e estética pela superação dos fatores que intervieram na sua geração. Se a propalada universalidade da arte já advém desta circunstância, ao que aponta toda hermenêutica dos fenômenos literários, ao ver no simbólico aquilo que pertence ao humano, e não à singularidade individual, na literatura infantil, esta peculiaridade se torna ainda mais flagrante. Por isso, o valor literário tão somente emergirá da renúncia ao normativo, o que implica no abandono do ponto de vista adulto e na incorporação de uma linguagem renovadora, atenta ao discurso de vanguarda, às modalidades de paródia, enfim, acompanhando a evolução da própria arte literária, que se dá

sempre como ruptura e não como obediência. Conseqüentemente, se a literatura revive os mesmos problemas de produção que envolvem toda criação artística, encarã-la como um se tor menor da teoria e da prática artística significa igno rar seus reais problemas em favor de um propósito elitista, que tem como meta garantir a primazia da condição adul ta. E significa ignorar também os reais problemas da pró pria teoria literária, na medida em que a literatura infan til oferece um campo de trabalho igualmente válido, ao re produzir, nas obras transmitidas às crianças, as particu laridades da criação artística, que visa a uma interpreta- ção da existência que conduza o ser humano a uma compreen- são mais ampla e eficaz de seu universo, qualquer que seja sua idade ou situação intelectual, emotiva e social. As sim sendo, é somente quando a meta se torna o exercício da arte com a palavra, que o texto para a infância atinge seu sentido verdadeiro, qual seja, como escreve Kurt Werner Peukert, "a expansão da dimensão de entendimento da crian- ça." (Peukert, 1976:84).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- HAAS, Gerhard. Einleitung. Kinder - und Jugendliteratur. Zur Typound Funktion einer literarischen Gattung. Stuttgart, Reklam, 1976.
- KLINBERG, Göte. Kinder - und Jugendliteraturforschung. Eine Einführung. Köln-Wien-Graz, Böhlau Wissenschaftliche Bibliothek, 1973.
- LYPP, Maria. Einleitung. Literatur für Kinder. Göttingen, Vandenhoeck und Ruprecht, 1977.
- _____. Assymetrische Kommunikation als Problem moderner Kinderliteratur. Literatur für Viele I. Vandenhoeck und Ruprecht, 1975.
- PEUKERT, Kurt Werner. Zur Anthropologie des Kinderbuches. Kinder - und Jugendliteratur. Zur Typologie und Funktion einer literarischen Gattung. Stuttgart, Reklam, 1976.
- RICHTER, Dieter. Til Eulenspiegel - der asoziale Held und die Erzieher. Kindermedien. Ästhetik und Kommunikati on (27). Berlin, Ästhetik und Kommunikation Verlag, abril de 1977.